

Quem são as “Mulheres Olímpicas” brasileiras? ¹

Mayara Cristina Mendes MAIA²

Allyson Carvalho de ARAÚJO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

O presente trabalho surge da necessidade de construir primeiras impressões sobre o filme “Mulheres Olímpicas” (2013), que é material de estudo da nossa dissertação de mestrado em Estudos da Mídia pela UFRN. O objetivo de nossa pesquisa é fazer uma análise exploratória do filme. Nosso ensaio de análise tem caráter descritivo e abordagem qualitativa, adotando como recurso metodológico a descrição da experiência estética das imagens do cinema a partir de Gumbrecht (2006). O filme analisado apresenta abordagens sobre a presença das mulheres brasileiras nas olimpíadas. Foram construídas fichas técnicas de análise inicial organizadas em categorias específicas. Na análise, o descentramento da mulher quanto a participação em âmbitos culturalmente ditos masculinos como o esporte aproximou discussões sobre suas capacidades físicas e seus papéis sociais.

Palavras-chave: Mulheres Olímpicas; análise; descentramento.

Introdução

A Constituição brasileira de 1988 (BRASIL, 1995), determina proteção a todas as manifestações culturais, fazendo respeitar expressamente as culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, bem como as de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. Infelizmente, poucas mudanças se percebem e quase nenhum cumprimento das leis. O grupo representante das minorias não é caracterizado pelo número de representantes, mas pelo grau de discriminação que sofrem. No Brasil, ainda pode-se enquadrar nesse grupo, os índios; os ciganos; as comunidades negras; comunidades descendentes de imigrantes; membros de comunidades religiosas; idosos; mulheres e pessoas com deficiência.

Apesar das diversas conquistas das mulheres nos espaços sociais, estas muitas vezes ainda são prejudicadas por discursos discriminatórios antigos. O reconhecimento jurídico dos direitos e deveres das mulheres representado na Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1995), que dispõe sobre os Direitos dos Trabalhadores, dá ênfase à proteção do mercado de trabalho da mulher e proíbe a diferença de salários, assim como no exercício de funções e de critério de admissão por motivo de sexo, idade, cor ou estado civil; além da lei

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Estudos da Mídia pelo PPgEM da UFRN. Contato: mayamaia@hotmail.com

³ Professor Adjunto II. Departamento de Educação Física da UFRN. Contato: allyssoncarvalho@hotmail.com

em relação a proteção a maternidade são representações teóricas de anos de lutas das mulheres por seus direitos. Mas na prática, a realidade ainda está carregada de dúvidas e discursos negativos quanto a eficiência das mulheres em atividades ditas socialmente para homens. A mulher contemporânea muitas vezes tem marido, filhos e um emprego e recebe menos do que um homem em sua mesma função, ou não avançam em cargos por serem subjulgadas quanto os seus desempenhos. No campo esportivo não é diferente.

A atleta mulher muitas vezes para ser reconhecida não é comparada a outras mulheres, mas ao desempenho dela com o dos homens, como se fosse obrigatório ela ultrapassar o desempenho do homem para garantir seus direitos. Um exemplo da representação masculina nos esportes e da ausência das mulheres nas representações cinematográficas de antigamente é o filme “Carruagens de Fogo” (1981), um dos maiores clássicos sobre a corrida conta uma história que se passa na Inglaterra dos anos 20, tendo como protagonistas rapazes que treinam para disputar a Olimpíadas. As mulheres não faziam parte como atletas. Aparecem como esposas, namoradas e outros papéis coadjuvantes. Hoje, filmes como “Menina de Ouro” (2004) e “Offside” (2006) já revelam a busca das mulheres por seus direitos no âmbito esportivo e até sua capacidade de representação esportiva.

A pesquisa que aqui se desenha surge da necessidade de construir primeiras impressões sobre o filme “Mulheres Olímpicas” (2013), da cineasta Lays Bodanzki, que é material de estudo da nossa dissertação de mestrado em Estudos da Mídia pela UFRN. O filme escolhido para estudo apresenta abordagens sobre a presença das mulheres brasileiras como atletas nos Jogos Olímpicos. A cineasta foi convidada em 2013 a construir o “Mulheres Olímpicas” pelo projeto Memórias do Esporte Olímpico Brasileiro (MEMÓRIA DO ESPORTE OLÍMPICO BRASILEIRO, 2013). O projeto tem como finalidade buscar a aproximação entre a produção independente e a televisão aberta e fechada, colaborando com o desenvolvimento de um acervo audiovisual e objetivando alavancar o esporte por meio de difusão e divulgação das modalidades e sua prática pela população. Então, solicitou a cineasta que escolhesse um tema dentro do macro tema Memória do Esporte Olímpico, e assim, Bodanzki escolheu trabalhar com um paralelo entre a mulher na sociedade e a mulher nos Jogos Olímpicos.

Os Jogos Olímpicos é um evento baseado nos modelos dos Jogos Gregos Antigos e foi idealizado por Pierre de Coubertin em 1896, realizado em Atenas na Grécia, seguindo em sua primeira realização da Era moderna com a proibição da participação das mulheres.

Após 116 anos, os jogos Olímpicos de Londres em 2012 contaram com a participação de 10.500 atletas sendo 4.620 mulheres, nas quais 123 eram brasileiras (RIO2016, 2012). Estes dados revelam o maior número de atuação das mulheres como atletas nos Jogos Olímpicos em relação a todas as outras realizações, além de alcançarem a participação em todas as modalidades como nunca haviam conquistado. Estas conquistas são reflexos de muitas lutas das mulheres pelos seus direitos em espaços culturalmente ditos masculinos como o esporte. Mas como essas lutas se deram? Essas lutas individuais e coletivas realizadas pelas mulheres ocorreram de maneira consciente e planejada?

Tomamos como importância estudar esse evento que possui um significado simbólico por envolver-se de acontecimentos e reflexões de vários contextos socioculturais e exprimem questões de gênero que podem servir como estudo de nossa sociedade. As mulheres se caracterizam por um grupo minoritário rico em diferentes identidades. Os conflitos que esse grupo encontra podem ser julgados de caráter externo, quanto a discussões de poder e ordem de gênero e sexo, sendo assim, acreditamos que as lutas das mulheres atletas brasileiras ocorreram e ainda ocorrem de maneira individual, pois cada uma possui suas próprias lutas e dificuldades de ingressar em âmbitos ditos culturalmente masculinos e coletivamente por se identificarem nas mesmas causas. E também podem ser julgados de caráter interno, quanto a diferenças nesse mesmo grupo pautadas em características de raça, etnia, orientação sexual, religião e desigualdade de classe. O nosso trabalho contempa o cinema como portador de registros para a compreensão do mundo e o esporte é estudado como elemento cultural que representa a cultura, mas também é sujeito transformador desta e modificável por esta. O que caracteriza nossos estudos como um trabalho de cunho interdisciplinar no qual articula, sobretudo, como produção das áreas de Comunicação, Sociologia e Educação Física.

O objetivo deste ensaio é fazer uma análise exploratória do filme que nos possibilite uma leitura sobre as experiências das atletas mulheres nas Olimpíadas. Nosso ensaio de análise tem caráter descritivo e abordagem qualitativa, adotando como recurso metodológico a descrição da experiência estética das imagens do cinema a partir de Gumbrecht (2006).

Metodologia

Quatro conceitos apontados por Gumbrecht (2006), nos permitem realizar a descrição da experiência estética das imagens no esporte: o conteúdo da experiência entendido como produções subjetivas desencadeadas a partir da apreciação estética e que

podem estar dialogadas com sensações, conceitos e impressões sobre o objeto; os objetos da experiência estética, compreendidos enquanto a materialidade que dialoga com a percepção do sujeito; as condições da experiência estética, percebida enquanto demarcação histórica e social da possibilidade de apreciação e; os efeitos da experiência estética que demandam uma mudança estrutural na compreensão do fenômeno apreciado (MAIA, 2014). Sendo assim, nossas fichas técnicas de análise foram organizadas em duas categorias. A primeira é composta pelos objetos e condições da experiência estética se dividindo nas seguintes subcategorias: Foco Narrativo; cenário e figurino; trilha sonora; câmera e fotografia. A segunda categoria de análise conta com os conteúdos e os efeitos da experiência estética, subdividida em: corpo e gênero; corpo e sexualidade; mulher e sociedade; esporte e estigma; eficiência e descentramento; dor e sacrifício; corpo e mídia; corpo e ética.

Ao adentrarmos nas análises do filme, buscamos encontrar registros da história dos Jogos Olímpicos que ressaltem o papel da mulher não só como esportista, mas como atuante em outros diversos papéis sociais de maneira ativa.

Um pouco de história

O processo de exclusão das mulheres na prática esportiva no Brasil seguiu o padrão internacional, inclusive com os mesmos discursos patriarcais. As mulheres foram afastadas da participação ativa na sociedade, incluindo sua participação como atletas olímpicas até 1932. A elas eram entregues os papéis de mães e donas de casa e suas vidas pacatas restringiam-se a isso (OLIVEIRA; CHEREM; TUBINO, 2008). Diversos processos sócio-político-financeiros brasileiros de alguma forma influenciaram positiva ou negativamente nas condutas esportivas das atletas olímpicas brasileiras.

Entre restrições patriarcais e reivindicações feministas, a revolução industrial e as grandes guerras mundiais, ocorridas entre segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, as mulheres acabaram ocupando os espaços que os homens deixaram nas indústrias, que estavam em função militar durante as guerras. Conseqüentemente, as mulheres começaram a participar da vida moderna, com novos empregos e *status* (MIRAGAYA, 2002).

Maria Lenk, atleta brasileira de natação, se tornou um ícone na representação feminina nos esportes por ser a primeira mulher brasileira nas olimpíadas em 1932. Desta forma, pode se ver que “a liberdade que hoje a mulher possui vem de longa data e através de muitas lutas que elas mesmas travaram” (RUBIO; SIMÕES, 1999). Ao passo que as

mulheres ganhavam espaços e direitos, elas revelavam competências e habilidades das mulheres compatíveis às dos homens. Miragaya (2002), fala do movimento feminista que ocorreu na América do Norte e na Europa que trouxe como consequência do desenvolvimento científico e tecnológico, avanços nas causas feministas:

[...] foi o movimento feminista que ocorreu na América do Norte e na Europa que trouxe como consequência do desenvolvimento científico e tecnológico, especialmente por causa da invenção da pílula anticoncepcional, que ajudou as mulheres a enfrentar os métodos tradicionais, controlar sua vida sexual, e planejar sua família. Os novos papéis que as mulheres assumiram durante e depois da Segunda Guerra Mundial adicionaram-se aos avanços da ciência e produziram um repensar da posição da mulher na sociedade: um desafio às ideias tradicionais sobre os papéis do gênero. Como resultado desse novo posicionamento, foi possível observar um aumento na participação das mulheres no esporte e, com ele, a preocupação com a posição de desigualdade da mulher na sociedade e no esporte. (MIRAGAYA, 2002).

A primeira atuação significativa de atividades feministas se iniciou nos países ocidentais, através do direito ao voto, o acesso a escolas, a possibilidade de trabalhar fora de casa, entre outras reivindicações. A segunda atuação foi marcada por ideais e ações associados com os movimentos de liberação feminina iniciados na década de 1960, lutando pela igualdade legal, política e social para as mulheres. E a terceira atuação marcante desse movimento aconteceu na década de 1990, como forma de continuação da segunda atuação.

O feminismo liberal e socialista toma como adversário a cultura patriarcal e concentra seus esforços na obtenção de direitos iguais para homens e mulheres em todas as esferas da vida social, econômica e institucional. Algumas mulheres feministas foram fundamentais para a inclusão feminina nas competições esportivas e, em especial, nas olimpíadas. Uma das figuras mais importantes para a inclusão das mulheres nas olimpíadas foi a francesa Alice Melliat, que através da Federação Esportiva Feminina Internacional (FEFI), lutou insistentemente contra o Comitê Olímpico Internacional que proibia a entrada efetiva das mulheres nas competições de atletismo e de outras modalidades nos Jogos Olímpicos. A Segunda Guerra Mundial paralisou os jogos Olímpicos por oito anos. E mesmo com o retorno dos jogos, a entrada das mulheres foi de maneira lenta e em períodos diferentes em cada esporte.

Muitos anos se passaram com poucas representações por parte das mulheres. Os jogos de Atlanta de 1996 foram os primeiros jogos que trouxeram medalhas das mulheres para o Brasil, e esse início de vitória veio com muitas glórias pois os jogos acabaram com medalhas em todos esportes de duplas ou coletivos das mulheres. Ouro no vôlei praia de Jacqueline Silva e Sandra Pires numa final brasileira que deixou a prata com outras

brasileiras, a Adriana Samuel e a Monica Rodrigues. O time de basquete feminino daquele ano que contou com a presença de nomes como “Magic” Paula, Hortência Marcari e Janeth Arcain alcançou a prata e o time de vôlei das mulheres que contava com atletas como Ana Moser, Márcia Fu, Leila, Fernanda Venturini e Virna alcançou o bronze. Foram conquistas que trouxeram pela primeira vez grandes destaques para as atletas mulheres mostrarem que almejavam esse espaço e eram a todo tempo desafiadas por diversos discursos que as julgavam incapazes.

A primeira medalha individual feminina foi no judô, com Kleyten Quadros, que ganhou bronze nos jogos de Pequim em 2008. E foi também nesta olimpíada que Maurren Maggi consagrou o primeiro ouro olímpico das mulheres para o Brasil no salto em distância. Além destas medalhas, as equipes das mulheres também ganharam de forma inédita o ouro no vôlei e a prata no futebol, com o time que consagrou Marta Vieira como a melhor jogadora de futebol do mundo. Fernanda Oliveira e Isabel Swan também ganharam bronze na vela, modalidade que o Brasil mais ganhou medalhas até hoje, e Natália Falavigna ganhou bronze no Taekwondo. Em 2012, entre outros ouros que chegaram um foi da Sara Menzes no Judô e outro foi do vôlei de quadra feminino. Mayra Aguiar no judô, Adriana Araujo no boxe, Juliana Silva e Larissa França no vôlei de praia e Yane Marques no Pentatlo trouxeram medalha de bronze na Olimpíada que entrou para a história por ter representação das mulheres em todos os esportes do evento.

A mídia vem atuando há muito tempo como acompanhante atuante em causas sociais que necessitam de mudanças. Silverstone (2005) ao pesquisar sobre os motivos para o estudo da mídia propõe análises de cunho social, psicológico e político-econômico do seu objeto de estudo e seus impactos. O autor nos faz entender que ao procurarmos compreender essas análises se torna possível entendermos o fluxo de mudanças que a mídia traz para a vida, a transmissão, a reprodução e a construção de novos simbolismos e significados para a vida e a cultura da sociedade. Ele reforça a ideia de que entender a mídia nos leva a entender os processos de compreensão que envolve as experiências de interação e compreensão do indivíduo com o mundo que o cerca. O esporte através da mídia pode ser um agente de opressão ou de transformação das relações de gênero, dependendo de como essa mensagem é apresentada.

Inicialmente, as mulheres mostravam sua voz através da mídia por meio de poesias, participação em guerras, manifestações com direito a cartazes com frases pujantes, entre outros meios. No Brasil, por exemplo, na década de 1920, os jornais eram as fontes de

comunicação circulante com papel decisivo no incentivo à prática esportiva feminina, com fins eugênicos importados dos Estados Unidos e Europa. As mulheres começaram a lutar pela integridade, proteção e posse de seus corpos, pelos direitos trabalhistas, incluindo salários iguais, pelo direito a arte, a música, a literatura e ao esporte como buscaremos encontrar como provas nos discursos das atletas olímpicas. Mas a mídia, como reflexo de uma cultura patriarcal, se constituía no mundo esportivo majoritariamente no espaço do homem, no qual as escolhas, a filtragem, as mediações do evento esportivo eram sempre definidas por ideologias masculinas. Nas revistas da época de 1900, difundia-se a imagem das mulheres esportivas, especialmente as nadadoras, que por volta de 1910 davam suas primeiras braçadas (DERIVE, 2003).

A inicial intenção feminista, ao perceber que poderia ganhar espaços, era concentrada em investigar as articulações de poder e os mecanismos psicossociais na base da sociedade patriarcal. O cinema reconhecido, por exemplo, começou a ser alvo do feminismo a partir do período pós-68. Stam (2009, p192) afirma que esse período foi testemunha de um declínio generalizado do prestígio do marxismo e o surgimento da nova política de movimentos sociais como o feminismo, a liberação *gay*, a ecologia e o apoio às minorias. O autor defende que o feminismo cinematográfico vinculava-se ao ativismo dos grupos de conscientização, com o objetivo não apenas de transformar a teoria e crítica do cinema, mas também as relações sociais genericamente hierarquizadas em geral. Stam (2009, p 194) defende que o feminismo fornece uma matriz metodológica e teórica de grande escala com implicações em todas as áreas da reflexão sobre o cinema. E revela que o período da teoria feminista do cinema também foi o apogeu do cinema realizado por mulheres, no qual muitos dos filmes realizados por elas possuíam uma intenção feminista-teórica. A teoria feminista carrega em seus discursos variados temas para a mulher como estupro, violência doméstica, educação infantil, direitos ao aborto e direitos ao esporte.

Mulheres brasileiras e olímpicas

Nosso material de estudo se trata de um documentário rico em exhibições de arquivos e entrevistas de 15 mulheres atletas brasileiras que contam em recortes suas trajetórias pelos jogos Olímpicos em seus variados anos de realização e conseqüentemente, apresentam novas partes da história do Brasil. O enredo inicia-se contando sobre a proibição das mulheres no primeiro ano de Jogos Olímpicos em 1896 e vai se desenrolando com as atletas brasileiras como protagonistas dessa história que acabam falando da mulher não só no

esporte, mas também em todo seu âmbito social. O que nos oportuniza a relacionarmos essas lutas por conquistas esportivas das mulheres com os movimentos feministas que deram início no Brasil no final do século XVIII e no início do século XIX. Foi nesse período que as mulheres brasileiras começaram a se organizar e conquistar espaço nas áreas de educação e trabalho (TRINDADE, 2012). Trabalhamos com fichas de análise para o recolhimento das primeiras impressões sobre o filme. Nossa ficha de análise, seguindo os conceitos de Gumbrecht (2006) como referência, dividiu a primeira categoria pelos objetos e condições da experiência estética se dividindo nas seguintes subcategorias: Foco Narrativo; cenário e figurino; trilha sonora; câmera e fotografia.

O documentário segue-se com os narradores- personagens que são as atletas entrevistadas e conta com um narrador intruso que se estabelece nos textos mudos que discorrem principalmente sobre o cenário da narrativa. O entrevistador através de voz over só aparece em dois momentos para enfatizar uma pergunta. Todas as outras perguntas se fazem implícitas através das respostas das entrevistadas. É importante perceber que a mulher que ainda é colocada no grupo das minorias quanto ao cumprimento de seus direitos cidadãos, no filme analisado se torna protagonista e assim, ganha voz para contar sua parte na história. As entrevistas, ou melhor, os trechos dos depoimentos dos entrevistados são selecionados e costurados pelos pequenos parágrafos de offs, o que nos sugere efeitos de verdade. É como se o próprio fato se narrasse.

As entrevistas do documentário se passam em um ambiente que parece um cômodo com paredes em tons diferentes de marrom, em sua maioria claros, e com poucos móveis. A cada cena de entrevista, aparece apenas uma entrevistada, deixando a ideia de que há apenas ela à vista e o câmera junto ao entrevistador, ocultos. As mulheres que durante a história são escondidas e muitas vezes tratadas como figurantes, no documentário ocupam lugares privilegiados revelando uma mudança ou possibilidade de mudança pela mídia percebê-las.

As entrevistadas se vestem de maneira casual, o que nos dá a ideia de que é a maneira que se vestem nos seus cotidianos. Algumas com vestimentas elegantes, outras com roupas mais simples. No documentário, não há espaço para exacerbação dos signos femininos. Talvez, porque busque destaque principal nas conquistas de espaços que não toleravam em momentos anteriores manifestações do feminino. Outras cenas se passam através de vídeos curtos e fotografias de períodos diferentes, mas todos aparecem como representativos dos jogos olímpicos. Já nos vídeos, as atletas sempre aparecem em trajes

esportivos representando sua fase nas participações esportivas. Essa naturalidade dos seus cotidianos singularizam as entrevistadas e revelam a pluralidade de significados e características que cada mulher carrega, o que nos sugere uma diversidade de identidades num mesmo sujeito objeto de cruzamentos como raça, etnia, idade, etc.

O som que acompanha os textos, fotografias e alguns vídeos é de uma música que se inicia com batidas lentas e consecutivas nas quais nos dá a ideia de um ritmo que propõe uma noção de busca, seguindo uma lógica de conquista como ápice. E que se segue com acordes de violino mais acelerados propondo o entusiasmo, o romantismo e ao mesmo tempo a delicadeza creditados ao feminino. Durante as falas das entrevistas ou não se detecta o uso do som ou ouve a mesma música, sendo com nível abaixo para não ficar mais alto do que a voz da entrevistada.

Os curtos vídeos apresentados possuem ruídos e sons presentes nas exibições dos esportes, como a música “Brasileirinho” na exibição da ginasta da Daiane dos Santos que ao ser utilizado serve como recurso para resgate do patriotismo como reforço de uma representatividade das mulheres olímpicas em nosso país. Durante uma cena que falava sobre a estrutura militar, toca-se uma música com batidas que representavam uma marcha militar. A música principal que toca desde o início mas com pausas durante as falas das entrevistadas, mas que ressurgem várias vezes até no final do filme, dá uma ideia de representatividade do que foi a presença das mulheres nas Olimpíadas, cheias de pausas, mas com ressurgimentos ao longo dos anos e que ainda continuam fortes até o final. As músicas secundárias dão a ideia de que são encaixadas para reforçar os momentos históricos.

O documentário privilegia a exposição das entrevistadas, as focalizando na maioria das vezes em close-up e em algumas vezes em plano americano. É uma tomada que tem por intenção dar centralidade ao discurso posto, materializando as conquistas da voz da mulher. São colocadas em centralidade ou à margem direita da câmera, em ângulo de altura normal, lado frontal ou 3/4. As cenas são em tom colorido e iluminação dura (direcional). O que sugere uma conversa mais casual com as entrevistadas e que permite o próprio público se sentir mais íntimo dos diálogos.

Já nas fotografias ou nos vídeos curtos que aparecem, as personagens estão em plano médio ou geral. Colocados nas três formas, na centralidade, à margem direita ou à esquerda. Em ângulo de altura normal e lado frontal ou perfil. As cores predominantes são o preto e o branco, tendo alguns que são coloridos. A iluminação é suave. O que sugere a

compreensão de dados antigos, registrados pela mídia predominante de cada época. Os textos escritos são apresentados em letras minúsculas brancas quando se narra parte da história sem ênfase nas mulheres e são maiúsculas e amarelas quando há ênfase nas informações sobre a participação das mulheres. O fundo do texto é preto na parte das letras brancas e cinza como se fosse uma luz jogada no preto aonde estão as letras amarelas. Permitindo uma melhor compreensão do público para as informações mais importantes. Todos os dados encontrados nessa categoria nos dão a ideia de neutralidade dos outros elementos de cena, o que traz maior destaque às entrevistadas.

A segunda categoria de análise conta com os conteúdos e os efeitos da experiência estética, subdividida em: corpo e gênero; corpo e sexualidade; mulher e sociedade; esporte e estigma; eficiência e descentramento; dor e sacrifício; corpo e mídia; corpo e ética. Nossas discussões ficaram concentradas nas subcategorias Corpo e gênero; corpo e sociedade e corpo e estigma.

O documentário revela o início da entrada das mulheres nos jogos olímpicos por meio dos esportes que não possuem contato físico, como o tênis. Deive (2005, p. 32) afirma que esses argumentos falsos sobre a fragilidade da mulher se davam e ainda acontecem pela difusão por discursos errôneos médicos, com base nos princípios vitorianos e na teoria vitalista que defendiam que a prática de atividades físicas por mulheres poderiam criar riscos a sua capacidade de gerar filhos.

A categoria corpo e gênero foi criada pois é a partir dela que se pode estudar sobre as desigualdades criadas entre homens e mulheres. Ultrapassando a linha feminista que diz que gênero é algo construído culturalmente, analisamos seguindo o conceito da estudiosa Butler (1998, p. 29) que vai além, no qual gênero é um ato intencional, um gesto performativo que produz significados, um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes. Butler (1998) difere gênero de sexo e desejo sexual, mas não os separa. Ela ressalta o papel do gênero, conceito pretencioso sobre o patriarcal, sendo o produtor da falsa noção de estabilidade, em que a matriz heterossexual estaria assegurada por dois sexos fixos e coerentes, os quais se opõem.

O documentário revela que as novas conquistas das mulheres nos outros esportes de contato as cobram atos de feminilidade. Atletas como Hortência pousaram para revista para provarem que não tem corpos musculosos, pois segundo ela, em sua época corpos definidos e musculosos eram características masculinas. O que reforça a fala do estudioso Deive (2005, p. 35) no qual as mulheres atletas tinham que lutar constantemente com a ideia que

sua feminilidade e graciosidade estariam irreparavelmente comprometidas em função da prática esportiva. Enquanto formadora de opiniões e elemento de construção de representações sociais, a mídia segundo Deive (2005, p. 72), sub-representou o desempenho das mulheres no esporte, o que contribuiu para o retardo no desenvolvimento do esporte feminino e para a manutenção da hegemonia dos homens sobre as mulheres nesse campo. Já a fala de uma das atletas mais novas, a Sara Menezes, não demonstra preocupação com esses pensamentos. Ela diz chamar atenção porque ao entrar no judô, batia tanto nas outras meninas que as outras desistiam de lutar e isso a obrigou a treinar com os homens. Seu ato performativo não procura construir rótulos, mas sem intencionalidade seus atos descentram do feminino imposto pela sociedade heteronormativa pois não corresponde aos discursos de fragilidade como características das mulheres.

Ao procurar encontrar falas sobre a participação das entrevistadas na sociedade em relação aos seus papéis sociais, encontramos nas falas das entrevistadas, os outros sonhos que precisaram abrir mão ou adiar para alcançar seus sonhos olímpicos, como estar em família e adiar planos como ser mãe. Ao falarem sobre ser mãe, é revelado que a atleta Isabel do vôlei interrompeu sua fase atlética 4 vezes para ser mãe. Já a treinadora de judô Rosicléia Campos deixou para ser mãe depois de conseguir fazer tratamento para cair no período que não afetasse sua carreira profissional. Outras atletas falam que sentem essa vontade de ser mãe, mas acabam adiando por imposição de suas atividades físicas profissionais. “Eu acho que para a mulher atleta, uma coisa que a gente adia né? Em virtude do esporte... é o sonho de ser mãe né? Você ter neném, você perde um bom período de treino e aí é complicado para retornar”, diz Yane Marques, atleta do Pentatlo moderno. O estudioso Deive (2005, p. 42) diz que há uma contradição severa quanto ao sucesso do homem no esporte para defender sua masculinidade em relação a mulher no esporte que ao ser bem sucedida como atleta pode falhar como mulher, quando não se pode contemplar os papéis socialmente designados para elas.

Em algumas cenas, as entrevistadas não parecem reconhecer seus papéis sociais quanto a escritoras protagonistas da memória esportiva de seu país, pois não sabem nem responder quem ganhou a primeira medalha olímpica. “Eu comecei a jogar, ninguém me disse, ‘tiveram antes de vocês fulana, sicrana [...]’”, diz a atleta de basquete Magic Paula. O que revela o quanto a história quanto a participação da mulher no esporte ainda se encontra escondida até para suas próprias representantes. Mas dos seus próprios dias de glória ou de dor, elas recordam. A Magic Paula fala sobre ter a chance de entrar com a bandeira do

Brasil representando todas as atletas mulheres do Brasil. Protagonistas dessas conquistas, as atletas se orgulham de suas participações e conquistas e o durante o documentário, esse orgulho é evidenciado em suas expressões corporais e em suas falas. Benedicta foi atleta de atletismo da primeira equipe feminina do Brasil e fala, “Ao entrar num estádio pela primeira vez em minha vida não senti calafrios. Talvez por saber o quanto difícil e impossível seria tirar um segundo lugar. Porém, corri com fé e não fui a última como assim pensava. Eu tirei o quarto lugar. Legal né? Modéstia à parte”. A Magic Paula fala sobre a falta de apoio quanto ao financeiro para alcançar a vitória:

Eu comecei a fazer uma análise daquelas equipes que estavam lá, recurso que elas tinham pra tá ali, número de jogadoras que elas tinham pra tá ali, o investimento, eu me lembro que a preparação nossa foi um investimento de 300 mil reais e a gente lá, ficou sabendo que os Estados Unidos investiram três milhões de dólares. (ATLETA PAULA).

Esta fala concretiza o que a historiadora Goellner (2005, p. 89) afirma, “ao longo da história do esporte nacional foram e são distintos os incentivos, os apoios, as visibilidades, as oportunidades, as relações de poder conferidos a mulheres e homens, seja no âmbito da participação, seja na gestão e administração”. As falas das entrevistadas revelam que a eficiência nos esportes aliado a suas lutas por direitos nesse âmbito foi o que trouxe abertura para vitórias quanto a participação das mulheres nas Olimpíadas. A Isabel e a Jaqueline falam de seus tempos onde passaram por impedimentos e proibições de suas práticas esportivas por questionarem e reivindicarem seus direitos. A Jaqueline foi expulsa da seleção ao tentar reivindicar os mesmos direitos que os homens do vôlei recebiam para as mulheres, como não foi ouvida, entrou em jogo com a camisa ao contrario como protesto e foi expulsa. Voltou ao Brasil a convite do Comitê Olímpico Brasileiro por se tornar uma das melhores atletas de vôlei de sua época e alcançou a primeira medalha olímpica brasileira. Segundo Goellner (2005, p. 95), toda a história da participação feminina em diferentes espaços sociais, dentre eles os esportivos, não se deu sem a presença de conflituosas reações, pois simultaneamente mesclava-se a herança de um recente passado colonial, agrário e cristão e o devir de um futuro moderno, industrial e não menos cristão.

O estigma social se faz presente no filme através da desaprovação da presença das mulheres desde os primeiros jogos à quebra total das proibições de participação em todos os esportes no ano de 2012. Apresenta estigma também na mulher negra sendo atleta e sobre sua questão financeira, como na cena onde a atleta Daiane dos Santos fala sobre alguém que a questiona se ela vai ganhar dinheiro no esporte e essa mesma pessoa revela que não conhece nenhuma mulher negra rica. “Mas tu é negra!”. Aí eu sim... “Eu nunca tinha visto

uma pessoa negra rica”. Além do estigma com relação as mulheres em esportes ditos dos homens, como aconteceu com a sua quebra na atual participação da mulher no boxe e com o Brasil com uma medalha de bronze representada pela atleta Adriana Araújo.

Apesar das leis da constituição brasileira (BRASIL, 1995) que garantem na teoria os direitos aos espaços de trabalho e salários justos a mulher assim como ao homem, na prática no âmbito, o estigma social da mulher como treinadora se mostra pelas treinadoras Rosicléia e Benedicta, como fala a Rosicleia, treinadora da atleta Sara Menezes que trouxe o outro no judô para o Brasil durante seus treinamentos, “Os técnicos que conviviam comigo iam até a entidade, a confederação, a federação argumentar porque eu. ‘Por que ela? Ela é mulher, ela é nova’. Eu tinha 35, 36 anos. ‘Ela não tem competência para isso’. Aí a resposta do meu coordenador, ‘Ela não tem competência? Ela é formada em Educação Física, ela tem pós- graduação, ela tem a vivencia de 3, 4 olimpíadas. Quem então é competente para estar lá? ”. Goellner (2005, p. 95) diz que essa luta por espaço na área profissional como treinadora não é recente:

Outro campo de atuação ainda muito restrito para as mulheres quando comparadas aos homens é a atuação delas como técnicas esportivas. Esse ainda é um espaço de domínio masculino, em especial, nas equipes de alto nível. E essa não é uma luta recente das mulheres. Merece destaque o trabalho de Benedicta Oliveira, pioneira no comando de uma equipe esportiva de alto nível – que começou a atuar como técnica das equipes femininas do Clube Espéria, em São Paulo no ano de 1963. Em 1965, foi convidada para ser técnica da seleção brasileira de atletismo e venceu o campeonato sul-americano disputado no Rio de Janeiro. Foi técnica da seleção paulista e técnica da seleção brasileira nos campeonatos sul-americanos de 1965 a 1975, supervisora das equipes femininas brasileiras de atletismo nos Jogos Pan-americanos de 1971, 1975 e 1983 e nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976. (GOELLNER, 2005).

A autora Goellner (2010, p. 96) ainda chama atenção para o domínio dos homens ainda muito forte nos cargos de administração e de direção do próprio Comitê Olímpico Brasileiro. A cultural patriarcal alimentada de argumentos sexistas se insere como viés de exclusão cheio de estigmas para a presença da mulher no esporte. Mas a cada dia, este grupo tão diversificado em suas características e ao mesmo tempo, comum em sua luta por direitos, demonstra suas capacidades de interagir com o mundo de maneira a construir e reconstruir suas próprias páginas na história do esporte olímpico brasileiro e nas transformações sociais.

Ao pensar nas mulheres que trabalham com o esporte de forma indireta também, a própria presença de uma cineasta mulher na construção do documentário exhibe mais alguns

passos alcançados das mulheres contemporâneas numa sociedade ainda acentuada por discursos patriarcais.

Considerações finais

Estudar sobre documentários quanto às questões de ética e estética em seu desabrochar, incentivam a criticidade e aguçam os sentidos para uma compreensão maior da história. Não se pode ignorar que a cineasta é quem recolhe e separa as fontes, organiza os pontos de vista e sugere sua interpretação. Contudo, perceber como a cineasta organiza os dados de uma produção nos possibilita refletir em que medida o discurso feminista se apresenta com referência no cinema contemporâneo.

Nossos sentidos se conectam as escolhas das verdades que o cineasta quer passar, então, seu comprometimento com a ética em relação aos envolvidos no filme se dão desde o início da obra. A estética caminha junto, apresentando-se como seguridade do seu comprometimento e auxilia na passagem de compreensão da veracidade das cenas. A primeira categoria, favorece a voz das mulheres e sua imagem e acrescenta foco para a compreensão das informações. Quanto a categoria dois, a dos conteúdos e dos efeitos da experiência estética é estudada de maneira a enxergar o que já é passado, mas que construiu e constrói o futuro da temática.

As mulheres, representantes da minoria no esporte são vistas, ouvidas e colocadas em destaque neste documentário. A mídia que esconde também é a que revela. As suas lutas estão marcadas em suas memórias e imprimidas em seus corpos. O sistema patriarcal é encontrado nas falas das entrevistadas em posicionamento de seus representantes superiores. A busca por seus direitos a participarem das Olimpíadas se mostrou como primeira vitória no esporte para as mulheres olímpicas e iniciou uma porta para investigações e estudos quanto a eficiência da mulher atleta e as atitudes impróprias do patriarcal.

Estas primeiras análises servirão para a continuação de nosso projeto de mestrado como luz para os próximos degraus que estarão em busca de identificar e discutir as influências dos discursos feministas nos discursos de atuação das atletas olímpicas do Brasil expressas nos registros do longa-metragem “Mulheres Olímpicas”.

Referências bibliográficas

BRASIL. Constituição (1988). **Emenda constitucional** n.º 9, de 9 de novembro de 1995. Lex: legislação federal e marginália, São Paulo, v. 59. p. 1966, out./dez. 1995.

BUTLER, Judith. "Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo". **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 11-42, 1998. Tradução de Pedro Maia Soares para versão do artigo "Contingent Foundations: Feminism and the Question of Postmodernism", no Greater Philadelphia Philosophy Consortium, em setembro de 1990.

DEVIDE, F. P. **Gênero e Mulheres no Esporte**: História das mulheres nos jogos olímpicos modernos. Ijuí: Ed. Unijuí, 144 p, 2005.

GOELLNER, Silvana. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Revista Pensar a Prática*, v.8, n.1, p.85- 100, jan/jun. 2005.

GOELLNER, S. V. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. In: **Cadernos de Formação RBCE**, p. 71-83, mar. 2010.

MAIA, Mayara Cristina Mendes; ARAÚJO, Allyson Carvalho de. Análise da produção de sentido no cinema a partir da descrição da experiência estética de Gumbrecht.: Relatando uma experiência de pesquisa na representação gênero no esporte. In: **fundamentos teóricos e metodológicos na investigação em comunicação intercultural - seminário internacional de pesquisa em comunicação midiática**, Ed. 1, **Resumo expandido**. Natal/RN: 2014.

MEMÓRIA DO ESPORTE OLÍMPICO BRASILEIRO (Brasil). **Mulheres Olímpicas**. 2013. Disponível em: <<http://memoriadoesporte.org.br/2013/08/14/mulheres-olimpicas/>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

MIRAGAYA, A. A mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão, **Fórum olímpico**. Grupo de estudos olímpicos, UGF. 2002.

RIO 2016 (Brasil). **Jogos Olímpicos da Era Moderna**: 116 anos de avanços e conquistas. 2012. Disponível em: <<http://www.rio2016.com/noticias/noticias/jogos-olimpicos-da-era-moderna-116-anos-de-avancos-e-conquistas>>. Acesso em: 16 abr. 2012.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas: a conquista do espaço esportivo pelas mulheres. In: **Revista Movimento**. Ano 5. V. 11, p. 50-56, 1999.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a Mídia?** 2. ed. São Paulo: Loyola. p. 302. 2005.

STAM, R. **Introdução à teoria do cinema**. 3 ed. São Paulo: Papyrus editora. 2009. P. 398.

TRINDADE, Vinicius. **Movimento Feminista no Brasil**. Brasil: Slideshare, 2012. 10 slides, color. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/viniciustrindade184/movimento-feminista-no-brasil>>. Disponível em: 25 out. 2012. Acessado em: 26 jun. de 2014.